

Editorial

O presente número dos *Cadernos de Filosofia Alemã. Crítica e Modernidade* se abre com duas reflexões sobre a história do labor filosófico. A primeira, de Marcos Nobre, discute a implantação e a evolução da filosofia universitária brasileira, dos anos 1930 até hoje. Em seu artigo, intitulado “Da ‘formação’ às ‘redes’: filosofia e cultura depois da modernização”, Nobre propõe interpretar essa recente história da filosofia no Brasil sob a percepção de que o paradigma da formação teria naufragado, dando lugar a uma certa falta de rumo que, hoje, seria enfrentada com a formação de redes de pesquisa, seja no âmbito nacional, seja no internacional.

O segundo artigo, de Gustavo Paiva, segue um caminho de outra natureza para pensar as “narrativas de uma história da filosofia”. Tomando por base as considerações de Richard Rorty a respeito da importância decisiva da história para compreender as noções filosóficas – em oposição, portanto, à ideia de uma análise a-histórica dos conceitos, tão cara à filosofia analítica –, Paiva propõe então que essa história tem de ser a história documental, isto é, a história dessas noções nos textos filosóficos (não, portanto, em sua relação com os acontecimentos históricos desta ou daquela época).

Desse ponto de vista, poderíamos dizer que o terceiro artigo deste número XIX colabora para pensar historicamente a antiquíssima questão da relação entre indivíduo e mundo. Ana Carolina Soria, em artigo intitulado “Entre verdade e ilusão: corpo e mundo em Arthur Schopenhauer”, propõe-se a refletir sobre o quanto o corpo do sujeito seria, no pensamento do filósofo alemão, o ponto de contato entre essas duas dimensões do indivíduo e do mundo, ou, nos termos de Schopenhauer, entre o físico e o metafísico.

O artigo seguinte, de Ivan Ramos Estêvão, também traz uma importante contribuição para uma reflexão sobre a história dos conceitos

filosóficos, tendo em vista a sua aclimação em diferentes línguas. Numa linha de trabalho que também é cara aos *Cadernos* desde os seus primeiros números – o estudo da tradução de termos-chave do alemão para o português –, o artigo de Estêvão, intitulado “Retorno à querela do *Trieb*: por uma tradução freudiana”, propõe repensar as opções de tradução desse termo alemão nas edições brasileiras das obras de Freud, tendo em vista as importantes consequências interpretativas que delas decorrem.

Encerrando a seção de artigos, temos então o texto de Marco Aurélio Werle, “O acolhimento hegeliano do pensamento antinômico na época de Jena”. Nele, Werle se propõe a pensar o modo como o pensamento antinômico se constitui em Hegel, a partir do início de seu *Differenzschrift*, e rediscutir assim o impacto exercido pela obra de Kant nas origens do pensamento hegeliano.

Na seção de tradução, os *Cadernos* retomam no presente número um projeto que vem sendo levado a cabo pelo grupo de tradução kantiana coordenado por Ricardo Terra: Diego Kosbiau Trevisan nos oferece algumas *Reflexionen* de Kant que, inéditas em português, colaboram para compreender o processo de constituição dos conceitos de liberdade e autonomia da vontade nos anos 1770, a chamada “década silenciosa”. Antecedida por uma apresentação assinada pelo tradutor, esta seleção de excertos constitui também uma oportunidade para incentivar a discussão de questões relativas à tradução dos textos kantianos para o português, outra iniciativa que os *Cadernos* sempre acolheram com grande interesse.

Fechando o número, por fim, temos uma resenha de Pedro Paulo Pimenta sobre os dois primeiros volumes de uma coleção, coordenada pela Editora Vrin em Paris, com as obras de Destutt de Tracy, cuja filosofia, auto-intitulada “Ideologia”, teria sido dominante no cenário intelectual francês entre os anos seguintes à Revolução e o começo do século XIX. Embora reconheça alguns problemas na edição (como o fato de esses volumes

dividirem um texto único), Pimenta chama a atenção para a importância de uma publicação assim para o conhecimento adequado de um período tão importante da história ocidental – tanto a factual como a conceitual.

Como sempre, esperamos que este novo número dos *Cadernos de Filosofia Alemã. Crítica e Modernidade* desperte o interesse intelectual de nosso leitor e siga colaborando para o desenvolvimento dessa rica discussão em “redes” (para usar a expressão de Marcos Nobre no artigo de abertura), cuja força é certamente crescente no panorama filosófico brasileiro e mundial.